



A construção colaborativa de gênero e sexualidade nas práticas de letramento digital do site *New Moon Girls*

Raquel Souza de Oliveira¹

Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UFRJ

Resumo: *são muitas as pesquisas recentes que concorrem em sublinhar a função capital que as mídias – em especial as mídias eletrônicas – têm ao agenciar as rápidas modificações contemporâneas. Os laços entre as tecnologias e os movimentos sociais andam cada vez mais estreitos, confirmando a possibilidade de ação política a partir do exercício de poderes capilares. Sublinha-se, ainda, que a visibilidade da alteridade no cenário midiático tem trazido à baila diferentes modos de vida, que contribuem para a reflexão acerca da diferença bem como de nossas próprias identidades. Em face do exposto, o objetivo deste trabalho é analisar como as usuárias do site feminista e infanto-juvenil New Moon Girls constroem, colaborativamente, sentido das identidades de gênero e de sexualidade nas práticas de letramento dos fóruns de discussão nas quais se engajam. Para operacionalizar esta investigação, o construto de assimetria de conhecimento em conversas é utilizado como aporte teórico-metodológico. As análises efetuadas neste estudo apontam para saberes sobre gênero e sexualidade produzidos com base nas tensões entre crenças identitárias essencialistas e compreensões mais fluidas e fragmentadas de nossas sociabilidades.*

Palavras-chave: mídia, gênero, sexualidade.

Abstract: *there are several current researches that converge in emphasizing the capital function that the media – principally the electronic ones – have in promoting fast contemporary changes. The binds that connect technology and social movements are gradually getting more tighten, and that confirms the possibility of political action by means of micro-power relations. It is also worth highlighting that the presence of the otherness in the mediatic landscape gives publicity to varied ways of life, which encourage a reflection about both the alterity and our own identities. In the light of the above, the aim of this study is to analyze how the female members of the feminist and juvenile site New Moon Girl construct collaboratively meaning of gender and sexuality in their literacy practices when they interact in the message boards. To develop this inquiry, the methodological construct of asymmetries of knowledge in conversations is used. The analyses point out the production of different types of gender and sexuality knowledge due to the friction of essentialist identity beliefs against more fluid and fragmented conceptions of our sociabilities.*

Keywords: media, gender, sexuality.

¹ raqsoliv@hotmail.com.



1. Introdução

Em um cenário contemporâneo de grandes mudanças, de fluidez e de transformações velozes, não se engajar nas práticas de letramento digital tem o seu alto preço: significa estar na periferia dos principais processos coevos de construção de sentido. Tanto para leigos quanto para especialistas, parece ser ponto pacífico o protagonismo que o incremento tecnológico, sobretudo o digital, tem nas transformações sociais contemporâneas, e um traço bastante distintivo desse mundo altamente digitalizado é a organização das vidas sociais em redes.

Cada vez mais, a organização social na contemporaneidade se efetua por meio de interconexões. Castells (2000) assegura que as “redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades, e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura” (p. 497). Por seu grande impacto sociocultural, as novas tecnologias, segundo o que adverte Michael Schrage [s. d.], não devem ser avaliadas apenas sob a perspectiva da informação. Schrage sugere um deslocamento do olhar em direção ao *boom* que as mídias eletrônicas vêm causando, sobretudo, nas relações interpessoais. Consoante a esse pesquisador, “a informação em si apenas oferece valor quando apresentada no contexto de relações específicas”². Assim sendo, viver em rede significa tanto viver sob o regime da fluidez de informações e de pessoas como ser parte integrante de uma cultura cada vez mais participativa, de usuários/as comuns ativos/as, que hibridizam as informações do fluxo midiático e que rearticulam novas sociabilidades nos domínios virtuais.

Vale, ainda, ressaltar outra prerrogativa da tecnologia nas performances de nossas vidas. De acordo com Sádaba e Gordo (2008), a tecnologia pode apresentar uma natureza política. A partir do diálogo entre o técnico e a ação política, é possível se observar o exercício multidirecional do poder – efetuando-se, portanto, também em nível capilar. Ser peça-chave na composição da uma inteligência coletiva é uma boa ilustração do micro exercício de poder, pois, por meio da união de habilidades, uma teia alternativa de poder midiático se erige, desbancando o monopólio do conhecimento do especialista.

Em decorrência da faceta performática, colaborativa e política da tecnologia é que muitos estudiosos alertam para o problema da exclusão digital na contemporaneidade (CASTELLS, 2000; JENKINS, 2008; DOBSON & WILLINSKY, 2009). Eles concordam em reconhecer



a persistente desproporcionalidade de acesso entre determinados grupos identitários, a despeito dos avanços nos processos de democratização digital. O perfil ainda preponderante do usuário da Internet é masculino, branco, classe média ou alta e com avançado nível de escolaridade. Por conta disso, a criação de um site intitulado *New Moon Girls* parece significar um esforço contemporâneo de seus idealizadores em combater essa divisão digital por critério de gênero, na medida em que concede espaço midiático às vozes políticas de meninas em tenra idade.

Em face, então, do exposto, busco analisar como as usuárias do site *New Moon Girls* constroem, colaborativamente, sentido das identidades de gênero e de sexualidade nas práticas de letramento dos fóruns de discussão nas quais se engajam. Ciente de que, a despeito de todos os esforços em escala global para a democratização ao acesso tecnológico, a exclusão digital ainda afeta várias comunidades de mulheres, um trabalho como este procura refinar o olhar para estes movimentos discretos de co-participação de meninas nas negociações de significados identitários na arena virtual.

Passo agora, então, a traçar algumas características basilares dos letramentos digitais e concedo especial atenção para a relação entre esses letramentos e a produção identitária. Após essa revisão da literatura, volto-me para a análise das práticas de letramento digitais nas quais as participantes da comunidade *New Moon Girls* se engajam ao produzirem sentido sobre as identidades sexuais e de gênero. Finalizo o artigo com as considerações finais e os encaminhamentos que puderam ser esboçados graças ao trabalho que foi desenvolvido.

2. A natureza social dos letramentos digitais e a questão identitária

A compreensão dos letramentos sob uma perspectiva sociocultural – que os entende como práticas socialmente situadas – tem um caráter bastante insurreto justamente porque, segundo essa abordagem, os letramentos são vistos como uma forma de práxis. Entender os letramentos como práticas sociais significa compreender como as pessoas fazem sentido de suas vidas a partir de suas ações em conjunto nos eventos cotidianos, localmente situados nas comunidades de que participam, mas sempre em integração com o contexto mais macro.

O conceito de comunidade é igualmente oportuno para a compreensão de letramentos aqui advogada. Em um momento hodierno caracterizado pela organização das vidas humanas em rede, o conceito de comunidade vem nos falar de algo para além de um



mero encontro de indivíduos (BARTON & HAMILTON, 1998). Wenger (1998) menciona um tipo especial de comunidade – a comunidade de prática – em que esse engajamento mútuo das pessoas para a consecução de uma atividade é feito com base em um repertório discursivo compartilhado. Assim sendo, as pessoas se integram nessas comunidades de prática para coletivamente construírem significado do que fazem e do que pensam.

A noção de linguagem que melhor se adéqua a esse construto teórico dos letramentos é a que preconiza que o significado é construído com base nas negociações interacionais. Ao agirmos discursivamente nas comunidades de que participamos, construímos formas de vida e estabilizamos sentidos de nós mesmos, o que faz com que, por ação do discurso – e não por uma suposta essência inscrita em nosso ser – nos tornamos identificáveis como um tipo de membro de determinados grupos sociais (LANKSHEAR & KNOBEL, 2007).

Entre várias acepções que competem para definir os letramentos digitais, essa perspectiva sociocultural é, então, a abraçada neste estudo. Portanto, ao nos envolvermos em práticas de letramentos digitais, estamos igualmente nos engajando na negociação de significado em determinadas comunidades discursivas por meio de textos (multimodais) codificados digitalmente (LANKSHEAR & KNOBEL, 2008). E esses letramentos são entendidos como novos não tanto pelo incremento tecnológico, mas, sobretudo porque estão associados a uma conjuntura histórica de ascensão de um novo ethos. Assim sendo, a tecnologia digital pode ser uma ferramenta importante para potencializar os predicados que compõem um novo modo de se pensar o mundo contemporâneo e agir nele. Para figurarmos esse novo ethos em exercício nos letramentos digitais, convém, então, focar a atenção para a Web 2.0.

Vários autores são categóricos ao apontar o grande impacto que a Web 2.0 significou nos modos de os usuários usarem a tecnologia digital para interagirem uns com os outros. De acordo com Estalella (In: ARRIAZÚ, BLANCO, CARO, ESTALELLA & CRUZ, 2008), a Web 2.0 é definida “como uma série de princípios e práticas, um conjunto de comunidades e serviços cujo objetivo é *facilitar a colaboração e a troca entre usuários*” (p. 205) (grifos meus). Estalella não está sozinho em enfatizar o foco na participação colaborativa que os serviços da Web 2.0 proporcionam aos internautas. Outros autores (LANKSHEAR & KNOBEL, 2007; DAVIES & MERCHANT, 2009; dentre outros) concorrem em apontar que muitas características que dão contorno a Web 2.0 se tangenciam na intersecção da colaboração coletiva. E trata-se de um traço dessa mídia interacional coerente com as formas mais contemporâneas de se pensar o



mundo, quando a dispersão dita o tom: vivemos um momento de distribuição da inteligência, da *expertise* e da informação.

Tendo em vista que é na interação que as pessoas podem encenar suas sociabilidades, as novas ferramentas tecnológicas vêm possibilitando novas performances identitárias, muitas delas talvez jamais encenadas pelas mesmas pessoas nas interações face-a-face. De acordo com a discussão já articulada, vivemos em um mundo notadamente assinalado por mudanças céleres, em que a volatilidade das transformações, não raramente, nos deixa desamparados em face das incertezas e da imprevisibilidade. O desafio atual, segundo Martin (2008), é ganharmos algum controle sobre as nossas vidas, de forma que o engajamento na construção de sentido sobre os outros e sobre nós mesmos se torna uma necessidade compulsória. Por essa razão, para esse autor, a construção da identidade tem se tornado um dos maiores projetos contemporâneos abraçados pelas pessoas, e as práticas de letramentos digitais andam se mostrando ações discursivas que muitos ganhos têm a oferecer a essa empreitada.

Os contextos virtuais de interação, cada vez mais, têm sido apontados como sítios propícios não só para a encenação das sociabilidades, mas também para a teorização sobre os sentidos identitários, realizada por pessoas não-especializadas. Braga (2008) reconhece o papel estratégico que as mídias têm nos processos de produção identitária, sobretudo porque, na contemporaneidade, elas são inquestionavelmente ubíquas nas vidas das pessoas. O estudo efetivado por essa autora aponta uma tendência cada vez mais expressiva na atualidade, que é a pulsão reflexiva que assola os/as conectados/as, ávidos/as para fazerem colaborativamente sentido de si mesmo e dos outros nas interações virtuais de que participam.

De forma bastante intensa, as pessoas têm mergulhado em vivências semióticas no mundo virtual, de maneira que as identidades que encenam nessas práticas têm tanto ou mais performatividade material do que as subjetividades que atuam no dito mundo real, como bem ajuízam Thomas (2007) e Parreiras (2009). Lankshear e Knobel (2008) afiançam que, por meio do engajamento em práticas de letramento digital, as pessoas têm a oportunidade de construir conhecimento situado, ajudando-as a lidar com situações complexas *off* e *online*. Para Thomas (2007), outro aspecto positivo das práticas de letramento digital para a produção das subjetividades concerne a maior flexibilidade das identidades *online*, posto que a edição de nós mesmos é mais plausível do que em nossas interações face-a-face. Todavia, vale salientar que os contextos micro e macro de interação não são discretos, a despeito de qualquer



esforço para se manter a prática localmente situada *asséptica* em face da situacionalidade macro. É, então, com moderação que devemos analisar a flexibilidade da construção identitária nos letramentos digitais, uma vez que constrangimentos e relações de poder são igualmente constituintes das interações *online*.

Barton e Hamilton (1998) alegam que as desigualdades identitárias estruturam a participação das pessoas nos eventos de letramento, não sendo, portanto, diferente no caso dos letramentos digitais. Como já mencionado antes, ainda existe um considerável desnível de participação *online* entre homens e mulheres, entre meninos e meninas. Por isso, avaliar a qualidade da colaboração das meninas na construção das identidades de gênero e sexualidade nos letramentos digitais é uma urgência contemporânea, se quisermos começar a entender como vozes não-hegemônicas estão re-significando seus sentidos de si mesmo na arena virtual.

3. Construindo saberes sobre gênero e sexualidade nos fóruns de discussão da *New Moon Girls*

Nesta etapa do estudo, investigo alguns diálogos retirados de dois tópicos dos fóruns de discussão do site *New Moon Girls*, em que saberes sobre as identidades de gênero e de sexualidade são colaborativamente construídos pelas usuárias. Para nortear a análise a ser produzida, o construto de assimetria de saberes em conversas, desenvolvido por Drew (1991), será utilizado como aporte teórico-metodológico.

O site *New Moon Girls* é de origem estadunidense e foi uma extensão para os domínios eletrônicos da revista impressa e homônima criada há dezoito anos por Nancy Gruver e seu esposo, Joe Kelly. O nicho do site é de meninas de 8 a 12 anos, que, potencialmente, podem ser de qualquer lugar do mundo, embora a maioria das usuárias seja dos Estados Unidos³. Os dois tópicos elencados estão no fórum intitulado “Corpo & Sentimentos”.

Para operacionalizar a análise dos diálogos entre as interactantes do fórum, são focalizadas as assimetrias de saber nas conversas entre elas. Subscrevendo-me a Drew (1991), entendo que, nessas interações, a participação, potencialmente, é direito concedido a todas as usuárias, com uma distribuição isonômica dos turnos. Trata-se de meninas em torno de uma mesma faixa etária, que podem interagir sem o constrangimento e a intimidação que a



presença *online* de um adulto, por exemplo, poderia causar. No entanto, mesmo em se tratando de conversas, Drew (1991) reconhece a possibilidade de assimetrias, que, segundo esse autor, se efetuam com base na contribuição que cada interactante dá para a construção do conhecimento. Para se compreender como essas assimetrias de saber se efetuam, torna-se imperativo analisá-las na situacionalidade micro-interacional. No entanto, frisa-se, uma vez mais, que esses diálogos, embora realizados no contexto local, também serão avaliados a partir de sua situacionalidade mais macro. Como enfatiza Markovà (1990, p. 01), “os diálogos (...) estão sempre inseridos em contextos sócio-históricos particulares, que, por sua vez, são altamente dinâmicos, sejam eles culturas, instituições ou relações de poder que prevalecem entre as pessoas”.

Vale, desde já, antecipar uma ressalva aqui, ao se abraçar este aporte teórico-metodológico. O fato de um(a) interactante estar na posição assimétrica de saber em relação aos/às demais não implica dizer que ele/ela esteja sendo controlado/a por seus/suas interlocutores/as. Drew (1991, p. 44) adverte que “o ponto essencial é que as orientações dos interactantes diante das assimetrias de conhecimento não precisam se manifestar em incongruências ou problemas interacionais”. Tendo em vista que vivemos o momento do *ethos* da inteligência coletiva, é justamente por meio da premissa de que não é o indivíduo quem sabe e aprende, mas a comunidade, que a construção de conhecimento se potencializa. Na contemporaneidade, viver em rede é um modo de nos integrarmos aos outros para também construirmos apoio mútuo. Desse modo, a assimetria de saber pode produzir efeitos produtivos, porque tem ação constitutiva na construção das identidades.

A primeira seqüência interacional, do ano de 2009, refere-se à construção coletiva de saber acerca da identidade de gênero social, em especial do gênero feminino. O tópico é introduzido por M.⁴, participante de 13 anos, e, até agosto de 2010, teve 14 postagens. M. inicia a interação com o propósito de co-construir conhecimento em torno do que seja *sexismo*⁵:

M. (17 de abril de 2009)

Tem algumas pessoas na minha escola que são sexistas. elas acham que as garotas gostam de hannah montana (que eu gosto). eu ganhei um skate no meu aniversário (17 de abril!!!!) e quando eu disse para elas elas fizeram umas caras esquisitas. eu sou



um pouco maria-rapaz e eu não sei o que significa sexista. eu acho que significa que eles pensam que as garotas fazem certas coisas, estou certa?

M. inicia a interação predicando categoricamente algumas pessoas de seu colégio como sexistas (“Há algumas pessoas em minha escola que são sexistas”). Essa avaliação parece ter sido construída com base em seu saber empírico, já que sua inferência é orientada segundo um evento localmente situado: reprovação das pessoas de seu colégio diante do skate que ela ganhou de presente, sendo esse objeto socialmente associado ao universo dos meninos. Também é por meio da referência à cultura popular (“Elas [as pessoas sexistas] acham que as garotas gostam da hannah montana”) que M. ajuíza essas pessoas como sexistas, uma vez que essa personagem, da série homônima veiculada pelo Canal da Disney, encarnaria o ideal hegemônico de feminilidade (loira, magra e que se veste tradicionalmente com roupas de meninas)⁶. Ainda que ela afirme que também gosta desse seriado, há aspectos de sua identidade de gênero que não seguem esse script hegemônico: ela gosta de skates e se considera uma “maria-rapaz”⁷. Diante da ausência de uma univocidade em sua performance de gênero – ou seja, apesar de se identificar como menina, ela não gosta (só) de coisas tradicionalmente associada às garotas – é que M. finaliza seu discurso alegando não saber o que sexista significa e modaliza o status epistêmico do seu conhecimento: “eu acho que significa que eles pensam que as garotas fazem certas coisas”. É, então, que ela precisa mobilizar a colaboração da comunidade de prática de que participa (“estou certa?”), para, ao fazer sentido da identidade de gênero feminino, construir também significado de sua própria identidade.

Uma das contribuições que merece destaque aqui foi produzida por D., de 10 anos:

D. (18 de abril de 2009)

Sexista significa que você acha que certas coisas são muito específicas. As garotas gostam de rosa, moda, Hannah Montanna etc. e elas odeiam esportes. Os garotos gostam de preto, esportes, rap, violência etc. e eles odeiam rosa. Eles acham que todas as garotas usam vestidos e que não podem se alistar. Coisas falsas como essa.



Ao contrário do tom oscilatório e modalizador de M. sobre o tema, D. faz declarações mais assertivas sobre o que é ser sexista, sugerindo ter autoridade de conhecimento sobre o tópico. Em um enquadre até mesmo enciclopédico, ela explica o sentido de sexismo citando algumas convenções binárias associadas aos gêneros sociais: enquanto meninas gostam de rosa, meninos gostam de preto; enquanto as meninas odeiam esportes, os meninos gostam. Além disso, ao avaliar que esse sistema de crenças sexistas que orienta as pessoas não é verdadeiro (“Coisas falsas como essa.”), ela ressalta ainda mais sua posição privilegiada na interação, no que tange ao conhecimento de gênero social. Isso porque a invocação a critérios de verdadeiro/falso feita por D. sugere que ela, ao contrário de M., estaria mais perto do conhecimento da *verdade* acerca do tema. Ela seria mais capaz, em comparação à sua interactante, de reconhecer os scripts associados aos comportamentos identitários como algo ludibrioso.

Ainda que se trate de meninas comuns, re-significando as identidades de gênero nesse evento de letramento digital, a invocação a um sistema de crenças mais especializado se faz aqui presente. A contribuição da interactante E., de 12 anos, ilustra bem essa assertiva. E. efetua a expansão da temática do sexismo, para incluí-lo em uma rede de crenças que, socialmente, atribui papéis fixos aos grupos hegemônicos e não-hegemônicos. Cita-se:

E. (22 de abril de 2009)

sexista na verdade significa uma pessoa discriminando um gênero sem motivo nenhum. as mulheres não sendo autorizadas a votar era sexista e as mulheres ganhando menos para o mesmo trabalho de um homem era também sexista. é mais ou menos como discriminação contra os afro-americanos sendo que você está discriminando as mulheres (ou até mesmo os homens). 🤔

É possível perceber que E. hibridiza seu discurso com discursos feministas, usando, inclusive, o termo “gênero” – e não “sexo” – para se referir à identidade. Os discursos feministas que parecem nortear o conhecimento de E. sobre os gêneros sociais estariam mais associados à terceira onda. Isso porque, aqui, em consonância ao que a terceira onda do feminismo apregoava, fala-se em sexismo como discriminação contra um determinado gênero (e não contra o gênero feminino), posto que, dependendo do contexto interacional e das



identidades em jogo, os próprios homens podem sofrer discriminação: “... você está discriminando as mulheres (ou até mesmo os homens)”. A aproximação do sexismo com o racismo (“É mais ou menos como discriminação contra os afro-americanos,...”) também baliza a assimetria de saber nessa interação, porque essa interactante de 12 anos parece ser já capaz de perceber, ao contrário das demais meninas, que discursos discriminatórios contra grupos não-hegemônicos (contra algumas mulheres, contra alguns homens, contra os negros) confluem na distribuição desigual dos direitos. Assim sendo, graças à assimetria de conhecimento entre E. e as outras participantes, a discussão sobre a identidade de gênero foge do debate polarizado.

A segunda seqüência interacional, também do ano de 2009, foi iniciada por H., 14 anos. O tópico introduzido por ela, sobre as identidades sexuais, incitou, até agosto de 2010, a contribuição de 47 postagens, conquanto algumas delas tenham fugido do tema. De acordo com o debate já desenvolvido, um dos projetos contemporâneos mais imperiosos com o qual nos sentimos impulsionados a nos envolvermos é a produção de sentido de si mesmo em um mundo marcado por instabilidades e falta de certezas. Ao participar desta prática de letramento digital, H. busca constituir algum significado estável acerca da identidade sexual, e, para tal, procura encontrar, nesta comunidade, outros pares nessa mesma empreitada:

H. (5 de dezembro de 2009)

Alguna de vocês, meninas, já sentiu que você pode ser lésbica, ou é lésbica ou bissexual? Isso sempre foi um tópico de interesse meu, as formas como os gays na nossa sociedade são tratados. Você contou para alguém? Você ficou com medo de contar? Se você acha que é lésbica, como você soube?

Outra coisa, alguma de vocês já sentiu que você pode ser transexual? Para aquelas que talvez não saibam, transexual, ou transgênero, é quando você nasce no corpo de uma mulher mas se sente mais como um homem e vice-versa (um livro maravilhoso sobre esse assunto é Luna, da Julie-Ann Peters. Ele abriu mesmo meus olhos e me inspirou).

Se qualquer uma de vocês se sentir constrangida em postar, não se preocupe! Mas se você já se sentiu dessa forma e gostaria de compartilhar isso, ou já se sentiu assim e já teve medo de contar para alguém, você pode postar aqui se você quiser!



Por meio de duas perguntas (“Alguma de vocês, meninas, já sentiu que você pode ser lésbica, ou é lésbica ou bissexual?” e “alguma de vocês já sentiu que você pode ser transexual?”) H., automaticamente, escolhe as interactantes com quem deseja conversar: (a) as meninas que já sentiram que possam ser lésbicas; (b) as que já estabilizaram suas identidades sexuais em lésbicas ou bissexuais e (c) e as que já sentiram que talvez sejam transexuais. Alguns pontos merecem destaque aqui. O primeiro deles se refere à interface entre a fluidez e a estabilidade identitária. Ao mesmo tempo em que a identidade sexual é entendida por H. como situada no domínio nebuloso da indeterminação (“... já sentiu que você pode ser lésbica,...?” / “... já sentiu que você pode ser transexual?” / “se você acha que é lésbica”), ela não só anseia pela certeza identitária, como deseja ter acesso às pistas que supostamente apontariam para essa certeza (“como você soube [que é lésbica]?”). Experimentando, possivelmente, a vertigem contemporânea em face da ausência de referenciais fixos acerca da sexualidade, é por meio das experiências da comunidade que ela parece buscar construir saber sobre as sociabilidades homoeróticas.

O segundo ponto concerne ao significado de transexual e transgênero que H. constrói. A definição dos termos é explicitamente direcionada àquelas usuárias que possivelmente ignoram seu sentido (“Para aquelas que talvez não saibam”), o que já antecipa uma assimetria de conhecimento entre H. e certas interlocutoras. Entendendo-os como termos equivalentes (“... transexual, ou transgênero...”), ela apresenta a seguinte definição: “é quando você nasce no corpo de uma mulher mas se sente mais como um homem e vice-versa”. Embora, nessa definição, tenham sido apagados matizes de sentido que poderiam distinguir transexuais de transgêneros, o que vale realçar, nesse saber de H. sobre as identidades trans, é o pressuposto da disputa entre natureza (“nasce no corpo”) e sociedade (“se sente mais como [as convenções relacionadas a] um homem”) para a deliberação sobre o sentido da sexualidade. Percebe-se, ainda, que H. constrói, nesta prática interacional, sua autoridade de conhecimento sobre a temática apoiando-se em uma referência bibliográfica: o romance *Luna*, de Julie-Ann Peters, que também versa sobre o tópico.

Outro aspecto relevante a se destacar é a antecipação que H. faz sobre possíveis desconfortos que suas interactantes nessa comunidade de prática terão em dar publicidade às identidades homoeróticas que encenam (“Se qualquer uma de vocês se sentir constrangida em postar, não se preocupe!”). Como já mencionado, ainda que se reconheça que as redes sociais, sobretudo as virtuais, sejam potencialmente sítios para integração e suporte mútuo entre as



peessoas, não é possível supor que relações de poder sejam suprimidas desses encontros. Considerando que uma variedade de identidades sociais está em jogo nas interações virtuais entre essas usuárias – como, por exemplo, identidade religiosa, heterossexual, racial, dentre outras tantas – H. parece ter ciência de que a participação das pessoas nos eventos locais de letramento não está imune à influência das relações assimétricas de poder entre as sociabilidades.

Dentre muitas das co-participações na construção de sentido das identidades sexuais, é plausível observar duas tendências principais. Uma delas se refere à inscrição da identidade sexual no domínio das certezas. São os casos bem emblemáticos de K., 9 anos, e de Z., 12:

K. (8 de dezembro de 2009)

Absolutameeeeeente não sou lésbica mas eu sei alguém que é gay e ele só tem 9 anos.

Z. (21 de dezembro de 2009)

definitivamente não sou gay mas a crença que as pessoas que são são pecadoras aos olhos de Deus realmente me incomoda. Não é culpa delas e eu apoio totalmente que o governo não deveria ter nada a dizer sobre os casamentos gays. Digo, isso não é decisão do governo! Eles não têm o direito de dizer alguma coisa da vida pessoal de uma pessoa não é trabalho deles.

UUUUGggggghhhh!!! Isso realmente me deixa com raiva 😡

Tanto K. quanto Z. são bastante enfáticas ao negarem que sejam lésbicas. O uso hiperbolizado dos advérbios (K.: “Absolutameeeeeente não sou lésbica” / Z.: “Definitivamente eu não sou gay”) contribui para a construção categórica das identidades dessas duas meninas como não-lésbica. É com base no entendimento de que as identidades são fixas que K. se autoriza a categorizar um menino que ela alega conhecer (e que tem a mesma idade sua) como gay. Ao fixar a sexualidade do garoto como gay e ao afirmar que ele “só” tem 9 anos, ela parece essencializar o sentido da sexualidade nos domínios da natureza, posto que, em tão tenra idade, a sexualidade do menino em tela já teria contornos bem definidos (assim como a



dela própria, dada a veemência de sua negativa em ser lésbica). É possível perceber que a assimetria de saberes entre H. e K. se efetua aqui quando, ao se circunscrever a discursos essencialistas acerca da sexualidade, K. não se engaja nos jogos contemporâneos de reflexividade acerca do tema, porque fecha o diálogo com certezas identitárias.

Z., por sua vez, hibridiza, em sua fala, discursos em competição sobre a identidade gay. Por um lado, ela reverbera um discurso político contundente, de oposição fervorosa contra a ingerência governamental nas performances das pessoas em suas vidas íntimas (“Eles [os governos] não têm o direito de dizer alguma coisa sobre a vida pessoal de alguém...”). Ela igualmente é reativa contra um discurso religioso que nomeia as pessoas homoeróticas como “pecadoras” (“mas a crença de que as pessoas que são [gays] são pecadoras aos olhos de Deus realmente me incomoda”). Todavia, mixado a esses discursos está o de tolerância, quando afirma, do lugar que alega ocupar – nominalmente, de uma não-lésbica – que “não é culpa” dos gays serem como são. Discursos de tolerância ratificam – e não subvertem – as relações convencionais de poder, porque não se propõem a um diálogo de fato democrático com a diferença. Em outros termos, eles não reconhecem nos grupos não-hegemônicos comunidades epistêmicas, produtoras também de saberes válidos. Assim sendo, a contribuição de Z. para a construção de conhecimento sobre a identidade sexual ainda é legatária a narrativas hegemônicas sobre a diferença.

A outra tendência de participação para a tessitura de saberes sobre a sexualidade parece ser mais condizente com o momento contemporâneo, quando as identidades são entendidas como em fluxo e marcadas pela incompletude. Mg., 13 anos, e S., 14, afirmam o seguinte:

Mg. (5 de dezembro de 2009)

Hmmmm... Bom, eu realmente ainda não sei o que sou. Eu me apaixono por meninos e meninas, então, naum sei.

S. (5 de dezembro de 2009)

Eu concordo com absolutamente tudo que você falou e isso é um tópico IMPRESSIONANTE! Eu questiono a minha sexualidade periodicamente. Eu acho que sou hétero, mas eu já tive paixões fortes por meninas. Eu acho que todo mundo é



bissexual até certo ponto; é apenas como nós escolhemos nos categorizarmos. Neste momento de minha vida, ainda não estou pronta para me dar um rótulo. Eu me sentirei atraída por quem eu me sentir atraída e verei no que isso tudo vai dar 😊. Enquanto eu particularmente nunca me senti uma transexual ou transgênero, eu conheço alguém que é. Ele nasceu menina e se considera agora um cara.

Para construir sentido acerca da sexualidade, o tom modalizador é que impera na contribuição de ambas. Mg. afirma que sua sexualidade ainda não ganhou contornos definidos (“Eu realmente ainda não sei o que eu sou”), e S., por ora, acredita ser hétero (“Eu acho que eu sou hétero”), mas alega sentir atração também por meninas. Algumas reflexões de S. sobre o tema parecem estar já imbuídas de saberes contemporâneos que buscam ser alternativas aos modos mais tradicionais de se pensar a sexualidade. Ao afirmar que acredita que todas as pessoas sejam bissexuais “até certo ponto”, ela parece sugerir que, nas práticas contemporâneas, as pessoas encenam suas identidades (no caso, de sexualidade) no trânsito, nos entre-lugares. Ela parece igualmente ter ciência de que a estabilidade de sentido associado às identidades é artifício operatório (da ordem do discurso), quando afirma que “é simplesmente como nós escolhemos nos categorizarmos”. As práticas sociais contemporâneas com as quais S. se engaja talvez já a tenham ensinado a sentir conforto nas performances identitárias sem contornos definidos. Isso é sugerido quando ela diz “neste momento de minha vida, ainda não estou pronta para me dar um rótulo”. Por construir saberes mais flexíveis e abertos sobre a temática da sexualidade, entendo que a assimetria entre S. e as demais participantes se delineia nesta interação, posto que o conhecimento tecido por essa interactante condiz com o momento contemporâneo, quando, cada vez mais, as pessoas vivem suas vidas nos lugares identitários provisionais.

4. Considerações finais

As análises efetuadas neste estudo apontaram para tensões entre crenças identitárias essencialistas – que, na contemporaneidade, ainda não se encontram de todas corroídas – e compreensões mais fluidas e fragmentadas das intersubjetividades. Essa fricção se mostrou produtiva, posto que incitou o engajamento participativo dessas interactantes em torno do diálogo sobre suas identidades de gênero e sexuais. Tais eventos de letramento digital



também se mostraram profícuos para o exercício reflexivo acerca das céleres mudanças que vêm assolando nossas performances identitárias na contemporaneidade; reflexividade essa que vem perpassando vários segmentos de nossa sociedade, inclusive fazendo parte das comunidades de jovens e crianças.

De acordo com Wenger (1998), a diversidade é condição *sine qua non* das comunidades. Conflitos e embates são elementos constitutivos na construção de sentido, de forma que, ainda que se reconheça que o site *New Moon Girls* seja direcionado apenas para meninas, entendo que o seu propósito transformacional ficaria mais potencializado se houvesse outras vozes em negociação acerca tanto do gênero como das identidades sexuais (inclusive, vozes dos meninos). A participação de mais meninas (e meninos) de outros países também poderia incrementar o debate orientado para a reescritura identitária.

As considerações aqui tecidas ratificam a importância de um aporte teórico-metodológico que condiga com essas mudanças contemporâneas e que nos ajudem a entender este novo ethos dos letramentos digitais. Entendo que é com bastante propriedade que Williams (2009) adverte que as nossas pesquisas parecem sempre datadas em relação às novas práticas de letramentos nas quais os jovens se envolvem. É necessário, portanto, que a reflexão teórica desenvolvida sobreviva a essa volatilidade e que possamos refinar o nosso olhar para a validade de saberes confeccionados nessas comunidades virtuais.

² A tradução das citações de textos que foram consultados em inglês e em espanhol é de minha total responsabilidade.

³ Para se tornar membro dessa comunidade, é necessário o pagamento de uma assinatura anual de 34,95 dólares.

⁴ Por motivos de ética de pesquisa, as participantes do fórum serão identificadas apenas por letras.

⁵ Na tradução, busquei ser fiel ao texto original, procurando preservar as escolhas feitas pelas participantes do fórum quanto à pontuação e concordância, ao uso de letras minúsculas em nomes próprios e início de orações e de emoticons etc.

⁶ Williams (2009) chama a atenção para o fato de que as práticas de letramentos com as quais os jovens se envolvem são bastante orientadas pela cultura popular. Para maiores informações sobre a mestiçagem das práticas de letramento do dia-a-dia dos jovens e a cultura popular, conferir referência.

⁷ De acordo com a Wikipédia, *maria-rapaz* refere-se a “uma menina com alguns traços considerados masculinos”.



Referências

- ARRIAZÚ, R.; BLANCO, R.; CARO, G.; ESTALELLA, A.; CRUZ, E. G. Instalados em la cresta de la web 2.0? Cinco autores em busca de la 'big.two.dot.zero'. IN: SÁDABA, I.; GORDO (Orgs.). *Cultura digital y movimientos sociales*. Madri: Catarata, 2008. p. 198-221.
- BARON, N. S. Letters by phone or speech by other means: the linguistics of email. *Language & Communication*, 18, 133-170, 1998.
- BARTON, D.; HAMILTON, M. Understanding literacy as social practice. *Local Literacies: Reading and writing in one community*. Londres: Routledge, 1998. p. 03-22.
- BRAGA, A. *Personas materno-eletrônicas: Feminilidade e interação no Blog Mothern*. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- DAVIES, J.; MERCHANT, G. *Web 2.0 for schools: Learning and social participation*. Nova York: Peter Lang, 2009.
- DOBSON, T. M.; WILLINKSY, J. Digital literacy. IN: OLSON, D. R.; TORRANCE, N. (Orgs.). *The Cambridge Handbook of Literacy*. Cambridge University Press, 2009. p. 286-312.
- DREW, Assymetries of knowledge in conversational interactions. IN: MARKOVA, I.; FOPPA, K. *Asymmetries in dialogue*. Hemel Hempstead: Simon & Schuster, 1991. p. 21-48.
- JENKINS, H. *Cultura da convergência*. São Paulo: Editora Aleph, 2008.
- LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. *New Literacies: Everyday practices and classroom learning*. Berkshire: MC Graw Hill – Open University, 2007.
- LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. Digital literacies – concepts, policies and practices. IN: --- (Orgs.). *Digital literacies: Concepts, policies and practices*. Nova York: Peter Lang, 2008. p. 01-16.
- MARKOVÀ, I. Introduction. IN: MARKOVA, I.; FOPPA, K. *The dynamics of dialogue*. Hemel Hempstead: Simon & Schuster, 1990. p. 01-21.
- MARTIN, A. Digital literacy and the "digital society". IN: LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. (Orgs.). *Digital literacies: Concepts, policies and practices*. Nova York: Peter Lang, 2008. p. 151-176.
- PARREIRAS, C. Fora do armário... Dentro da tela: notas sobre avatares, homossexualidades e erotismo a partir da comunidade virtual. In: DÍAZ-BENITES, M. E.; FIGARI, C. E. (Orgs.). *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 343-371.
- SÁDABA, I.; GORDO, A. Introducción. La Tecnología es política por outros medios. IN: --- (Orgs.). *Cultura digital y movimientos sociales*. Madri: Catarata, 2008. p. 09-22.
- SCHRAGE, M. The relationship revolution. (www.manyworlds.com/exploreco.aspx?coid=co7300224361756, acessado em 28/01/2009).
- THOMAS, A. The virtual self: authoring identity. *Youth online: Identity and literacy in the digital age*. Nova York: Peter Lang, 2007. p. 05-37
- WENGER, E. *Community of practice: Learning, meaning and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- WILLIAMS, B. T. Introduction. *Shimmering literacies: Popular culture & reading & writing*. Nova York: Peter lang, 2009. p. 01-27.
- www.newmoon.com/
- www.wikipedia.org/